

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje

Class.: 94

Data: Out/84

Pg.: 12

Aqui a guerra



Carlito: viramos rebanho

A casa do cacique Lázaro não é uma construção convencional. Ela foi feita com o propósito de dar uma idéia exata de como é a área de terra kiriri, no município de Ribeira do Pombal. É uma casa com oito laterais, formando um octaedro perfeito, o mesmo traçado que delimita os 12.320 hectares da reserva indígena.

É essa quantidade de terra que motiva um longo e difícil problema entre brancos e índios e que já resultou em uma morte, alguns atentados e um clima de terror e medo entre os posseiros (brancos) e os Kiriris. Porque se Lázaro - um cacique que prefere a ponderação e o diálogo, ao confronto - ocupa toda a sua casa, a sua tribo ocupa apenas a metade da terra herdada de seus antepassados. A outra metade está nas mãos de



Acrísio: bala no peito

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje

Class.: 94

Data: Out/89

Pg.: 13

dos Kiriris

Por Jâmo Régio
Fotos: Reginaldo Pereira

posseiros, muitos deles com mais de 20 anos de trabalho agrícola.

Embora ocupem a melhor fatia da reserva, um imenso vale com riachos e lagoas, os índios vêm pleiteando e acompanhando, com impaciência, um moroso processo para a desocupação dos seis mil hectares restantes.

Não há um prazo determinado para a resolução do problema. Há apenas um pedido de paciência, feito pela Funai aos kiriris, que já viram morrer um dos seus, linchado em praça pública no lugar chamado Miran-

dela, por posseiros envolvidos no conflito pela posse da terra, demarcada em 1982. Passados mais de dois meses do assassinato do índio Zezito nenhuma providência judicial foi tomada e a situação agravou-se ainda mais, pois alguns dias após o assassinato o índio Acrísio Santiago recebeu um balaço de pistola 45 próximo ao peito esquerdo quando estava deitado em uma rede na casa de um compadre seu.

Acrísio foi uma das testemunhas do linchamento e ele mesmo vítima na ocasião, tendo escapado, correndo, dos cinco tiros disparados contra ele. O tiro que o alvejou agora foi dado na noite de um domingo e ninguém conseguiu ver o autor. Mas os índios não têm dúvida: foram posseiros.

Acoados em seis fazendas que formam a reserva eles temem agora não só a ida ao vilarejo de Mirandela, mas que os atentados dentro da própria reserva sejam praticados novamente. "Nós estamos como rebanho de criação", lembra o índio Carlito, alertando que "este rebanho pode sair a qualquer hora deste curral para ser morto, ou morto, ou morrer dentro dele".

De fato, o clima é favorável ao indígena na região. Este último atentado é interpretado pela maioria branca como uma briga entre índios. Explicando: o índio Acrísio teria sido alvejado pelo seu compadre Alberto Pantaleão, que estaria enciumado do relacionamento com sua mulher, uma branca de nome Cecília. A informação é desmentida. O próprio Pantaleão a desmente e é claro: "Acrísio é mesmo que um irmão".

Mas esta polêmica pela terra tem dividido os índios. João Batista Filho é um índio expulso da tribo Kiriri, acusado de compactuar com os posseiros. A expulsão de um índio significa a proibição de participar das roças comunitárias existentes em número de seis, e até mesmo de fazer a sua roça privada na reserva. Batista não demonstra muito ressentimento e acha que agora na tribo quem manda "é a comunidade".



Lázaro: pela ponderação



João Batista Filho: "traidor"



Pantaleão e Cecília: rumores desmentidos

Ele se refere ao sistema de decisão usado pelos Kiriris, onde consta um Conselho Geral formado por seis conselheiros e pelo cacique Lázaro. Este Conselho decide o que é e o que não é importante para a tribo e toma as decisões mais importantes, como a compra de um trator efetuada com o dinheiro da safra de feijão da "roça geral", uma roça comunitária na qual trabalha, durante um dia da semana, toda a tribo Kiriri.

Com pouco mais de 1.300 índios na tribo, o cacique Lázaro preocupa-se com o futuro. Por isso não acha ser muita terra (12.320 hec.) para seu povo, mas também não tem sequer uma idéia de quando tudo vai estar resolvido, e assim como a maioria da tribo, já não acredita muito no trabalho que a Funai vem fazendo para isto. Sensato, Lázaro ressalta que "o índio não quer briga" pois se quisesse "ao invés de trator, armas".

Eles não compraram armas, mas têm, com certeza, adquirido uma clara consciência da condição de marginalizados. A expressão do vibrante e revoltado índio Carlito é sintomática: "basta dizer que é índio, pra ser odiado".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje Class.: 94

Data: Out/84 Pg.: 14

Índios sabem da correlação de forças



Serra: cronograma de assassinatos

Os índios Kiriris e Pataxós Han-Han-Hae estão sendo contidos na sua ânsia de guerra e violência pela consciência que têm da correlação de forças desiguais. Quem chegou a esta conclusão foi o presidente da Associação Nacional de Apoio ao Índio da Bahia (Anai-BA), Ordep Serra, que tem catalogado e acompanhado de perto todo o conflito que envolve estas duas nações indígenas, acossadas por posseiros e fazendeiros.

Ordep vem denunciando a gravidade da situação há muito tempo. Antes de Jurandir Fonseca ser demitido da Funai, ele fez um relato completo da situação de Mirandela (Kiriris), denunciando inclusive o que chamou de "cronograma de assassinatos", uma lista de índios marcados para morrer, que incluía o cacique Lázaro. Completamente descrente da atuação da Funai, Ordep chama o novo presidente do órgão de defesa do índio, Nelson Marabuto de "policia truculento, que conhece índio através de histórias em quadrinhos e filmes americanos".

A omissão da Funai, denunciada por Ordep, segue-se o descaso da Secretaria de Segurança Pública do Estado, que segundo ele tem pleno conhecimento da situação de tensão em Mirandela e já deveria ter requerido uma ação mais ostensiva da Polícia Federal, a quem é afeito o caso, já que se trata de índios.

A diferença básica entre o problema dos Pataxós, do Sul, e dos Kiriris, do Norte, é que estes últimos já têm suas terras delimitadas, faltando apenas o cumprimento policial de remover os posseiros. Para isto Ordep aponta uma provável solução: "a utilização dos latifúndios improdutivos para a remoção dos posseiros que realmente fizerem juz", já que existem alguns

que possuem terras em outras regiões. Já os Pataxós, corre ainda na Justiça o problema da propriedade da terra, sendo necessário, portanto, esperar uma decisão judicial. "No caso dos Kiriris não, lembra Ordep, basta um plano de remoção concreto". Mas, segundo ele, "o governo tem má vontade em resolver o problema".

Para Serra, a última esperança é a mobilização da opinião pública, única força capaz de modificar o quadro que se espalha pelo Estado. Na Bahia, atualmente, há cerca de 7.500 índios - Pataxós, Pataxós Han-Han-Hae, Kiriris, Pancararés, Caimbês e Tuxás - mas o clima de tensão está situado principalmente entre os Pataxós, Han-Han-Hae e os Kiriris.



Crianças Kiriris